

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e

Antes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e

Antes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlundo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: sujeitos, histórias e ideologias

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: sujeitos, histórias e ideologias /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-033-6
DOI 10.22533/at.ed.336210605

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.
CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: SUJEITOS, HISTÓRIAS E IDEOLOGIAS**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; e estudos em educação.

Estudos literários traz análises sobre representação da mulher, patriarcado, narrativa, teatro, cartas, poesia, haicai, cordel e literatura digital.

Em estudos em educação são verificadas contribuições que versam sobre aprendizagem colaborativa, práticas interdisciplinares, ambiente virtual, ensino de língua e leitura.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *THE TENANT OF WILDFELL HALL* DE ANNE BRONTË

Helena de Luna Mendes

DOI 10.22533/at.ed.3362106051

CAPÍTULO 2..... 12

“A BELA E A FERA”, DE MADAME DE VILLENEUVE E MADAME DE BEAUMONT: A PRESENÇA DO FEMININO NO CONTO DE FADAS E NO *LIVE ACTION*

Lais Menezes da Costa Sousa

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

DOI 10.22533/at.ed.3362106052

CAPÍTULO 3..... 25

MÃE PATRIARCA: OPRESSÃO MATERNA EM UM CONTO DE TANIA JAMARDO FAILLACE

Mariana Sbaraini Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.3362106053

CAPÍTULO 4..... 36

ELECTRA E A IMPORTÂNCIA DA MITOLOGIA CLÁSSICA

Rui Pires

DOI 10.22533/at.ed.3362106054

CAPÍTULO 5..... 52

SUBTERFÚGIOS E DISSENSÕES NA NARRATIVA DE *O SENHOR BRETON E A ENTREVISTA*, DE GONÇALO M. TAVARES

Robson José Custódio

DOI 10.22533/at.ed.3362106055

CAPÍTULO 6..... 63

INTERSEMIOSE EM *O LEILÃO DO LOTE 49*, DE THOMAS PYNCHON: DECIFRA-ME OU TE DEVORO

Margareth Torres de Alencar Costa

Laura Torres de Alencar Neta

Wilson Cavalcante Costa Junior

DOI 10.22533/at.ed.3362106056

CAPÍTULO 7..... 72

ARIANO SUASSUNA E A *FARSA DA BOA PREGUIÇA*: A FORÇA DO RISO NO TEATRO POPULAR

Luciana Morteo Éboli

DOI 10.22533/at.ed.3362106057

CAPÍTULO 8	85
ALÉM DA INVISIBILIDADE: CARTAS E LITERATURA	
Raimunda Celestina Mendes da Silva	
Mayara Cassiano de Sene Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3362106058	
CAPÍTULO 9	96
CHICO DA SILVA E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN NOS CAMINHOS DA POESIA	
Maria Auxiliadora Ferreira da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3362106059	
CAPÍTULO 10	108
VOZ E SILÊNCIO NA POESIA DE FERREIRA GULLAR: GRAFIAS DO EU E DA CIDADE	
Ilca Vieira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.33621060510	
CAPÍTULO 11	127
A EXPRESSÃO TRADUTÓRIA DE PAULO LEMINSKI: UMA LEITURA DE EZRA POUND, HAROLDO E AUGUSTO DE CAMPOS	
Lívia Mendes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.33621060511	
CAPÍTULO 12	141
TRÊS VERSOS E UMA CODA: AS MUTAÇÕES DO HAICAI NO BRASIL	
Samuel Delgado Pinheiro	
Eliane Cristina Testa	
DOI 10.22533/at.ed.33621060512	
CAPÍTULO 13	154
MUSICORDEL: MEMÓRIAS E NARRATIVAS AMAZÔNICAS EM VERSOS CANTADOS	
José Eliziário de Moura	
Ana Lúcia Vidal Barros	
Uthant Benício de Paiva	
Cesar Claudino Pereira	
Paulo Eduardo Ferlini Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.33621060513	
CAPÍTULO 14	169
LITERATURA DIGITAL NA SALA DE AULA DE PORTUGUÊS: IMPLICAÇÕES NA PRODUÇÃO E NA RECEPÇÃO DOS GÊNEROS DIGITAIS	
Malu Elma Gomes Dias	
Darley Cristina Santos Ribeiro	
Louise Bogéa Ribeiro	
Cristiane Dominiqui Vieira Burlamaqui	
DOI 10.22533/at.ed.33621060514	

CAPÍTULO 15.....	179
REDE DE APRENDIZAGEM CONSTRUÍDA DE FORMA COLABORATIVA ENTRE PROFESSORES E PAIS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL	
Tania Beatriz Trindade Natel	
Maura Corcini Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.33621060515	
CAPÍTULO 16.....	201
EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O TEATRO: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Eduardo Alexander Júlio César Fonseca Lucas	
Lucas Lima de Carvalho	
Lucas Rodrigues Claro	
Amanda dos Santos Cabral	
Bruna Liane Passos Lucas	
Antonio Eduardo Vieira dos Santos	
Jéssica Andressa Reis de Souza	
Pamela Lima Dias Lins	
Simone Fonseca Lucas	
Ravini dos Santos Fernandes Vieira dos Santos	
Alexandre Oliveira Telles	
Maria Cristina Dias da Silva	
Maria Kátia Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.33621060516	
CAPÍTULO 17.....	213
PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NO ENSINO TÉCNICO: UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE COMO PROJETO INTEGRADOR	
Walena de Almeida Marçal Magalhães	
Mariane Pimenta Peres	
Antônia Lília Soares Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.33621060517	
CAPÍTULO 18.....	224
A ENUNCIÇÃO E O SINCRÉTICO NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM	
Aparecida Maria Xenofonte de Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.33621060518	
CAPÍTULO 19.....	238
ESTUDO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E A MODALIDADE HÍBRIDA	
Ayumi Nakaba Shibayama	
Denise Cristina Kluge	
Francisco Javier Calvo del Olmo	
DOI 10.22533/at.ed.33621060519	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	258
ÍNDICE REMISSIVO.....	259

CAPÍTULO 5

SUBTERFÚGIOS E DISSENSÕES NA NARRATIVA DE *O SENHOR BRETON E A ENTREVISTA*, DE GONÇALO M. TAVARES

Data de aceite: 26/04/2021

Data de submissão: 05/02/2021

Robson José Custódio

Universidade Federal do Paraná
Curitiba – Paraná

<http://lattes.cnpq.br/2248945271530745>

<https://orcid.org/0000-0003-4046-8647>

Este texto foi parcialmente apresentado em forma de comunicação oral no XXV Congresso Internacional da Abraplip, na Universidade do Estado do Amazonas, ocorrido entre os dias 8 e 13 de novembro de 2015, em Manaus, Amazonas.

RESUMO: Em *Biblioteca*, Gonçalo M. Tavares fragmenta, em um dos verbetes, as suas próprias perspectivas de leitura sobre o poeta francês André Breton. Nesse texto, o autor afirma que ser duplo não é ser zero, mas hesitar em frente ao espelho é uma possibilidade. Sendo assim, um mesmo indivíduo reagirá a si mesmo, entre titubeações e resoluções, visando refletir sobre a própria existência e a realidade do mundo. É com esse cenário, portanto, que *O Senhor Breton e a entrevista* se desenrola. Como um dos habitantes de *O bairro*, Breton vive uma situação dúbia: confabular consigo mesmo em frente ao espelho e refletir retoricamente com o leitor situações críticas do cotidiano no bairro. Dessa forma, o presente texto objetiva analisar a construção da narrativa da obra de Tavares, direcionando-se às contraposições criadas pelo narrador.

PALAVRAS-CHAVE: Narrador, entrevista, espelho, poesia lusitana.

SUBTERFUGES AND DISSENSIONS IN THE NARRATIVE OF *THE MISTER BRETON AND THE INTERVIEW*, BY GONÇALO M. TAVARES

ABSTRACT: In *Library*, Gonçalo M. Tavares fragments, in one note, the himself perspectives of reading about the French poet André Breton. That text, the author asseverates that to be double isn't to be zero, but to hesitate in front of the mirror is a possibility. Thus, a same person will react to himself, between hesitations and resolutions, he's aiming to consider about existence himself and the reality of the world. It's with this scenery, therefore, *The mister Breton and the interview* develops. As one resident of *The neighborhood*, Breton lives a dubious situation: to confabulate with himself in front of the mirror and to think rhetorically with the reader critical everyday situations at the neighborhood. Thus, the present text intends to analyze the construction of the narrative Tavares' work, it's addressing the oppositions created by the narrator.

KEYWORDS: Narrator, interview, mirror, Lusitanian poetry.

1 | INTRODUÇÃO OU OS SUBTERFÚGIOS DA NARRATIVA

A obra *O senhor Breton e a entrevista*, do autor português contemporâneo Gonçalo M. Tavares, traz uma peculiaridade importante na escrita: a condução da narrativa. O discurso usado durante o texto admite uma nova forma de leitura, já que muitas das vezes na história o leitor é praticamente convidado a se envolver nos pensamentos do narrador. De alguma forma, as reflexões do Senhor Breton, que entrevista a si mesmo, buscam respostas que nem ele mesmo consegue encontrar. São dez perguntas feitas e oferecidas, com deduções e posições quase estabelecidas, que se baseiam em construções individuais do pensamento de Breton – e por que não de Tavares, tendo o tríplice olhar diante do momento narrativo – em que a própria pergunta pode indiciar retornos reflexivos para a leitura (talvez, veja-se um aspecto aproximativo da metalinguagem do narrador, ou de um processo de retórica).

Durante muitas vezes, a leitura realizada fora conduzida por um viés reflexivo, apenas, em que o entrevistado não se manifestava com as respostas esperadas tanto pelo entrevistador quanto pelo leitor. No geral, a entrevista é realizada por Breton a ele mesmo, em frente a um espelho. A todas as perguntas não se têm as respostas; Breton apenas repensa atitudes externas aos questionamentos realizados. Este trabalho visa, assim, discutir esse “jogo” da narrativa de Breton (ou até mesmo de Tavares), tendo a ficção se atrelando à realidade do sujeito e constituindo-se a uma obra poética de microcontos. É relevante refletir, nesse parâmetro, o modo como a narrativa se constrói diante da instável entrevista de/com Breton.

Observemos suas reflexões a partir da 1ª pergunta, na qual ele define a poesia:

A poesia não se encontra nem em um lado nem no outro: a noite tem dois lados e a poesia é a porta da casa no momento em que é aberta e o escuro cobre a relva e o céu. Mas quando alguém tem medo, deve correr para casa; e quando sente tédio, deve correr para a parte de fora da noite. E a poesia, que parece uma coisa parada, resolve, ao mesmo tempo, o tédio e o medo; o que é bom e dois, sendo uma única, a poesia. (TAVARES, 2009, p. 11)

Já na 2ª pergunta, a existência da poesia se dá pela tendência à paisagem ou pelo momento futuro das coisas. O instinto arqueológico, a partir da anatomia, ideia fornecida pelo senhor Breton, volta-nos à essência interna dos versos. Ao escavá-los, descobriremos primeiro “a tíbia e o perônio, e só depois certas células inteligentes” (TAVARES, 2009, p. 14). Ou seja, somente depois de partirmos da superficialidade é que conseguiremos alcançar reflexões relevantes na poesia. Breton ainda explica as fórmulas da vida (a poesia), mesmo não sendo importantes para uma organicidade externa, para um leitor ávido que busca sua sobrevivência e tão somente com um propósito do “eu”. Ao atingir os pensamentos alheios, não há um alimento, a não ser para a alma e, para ele, as pessoas que dizem se alimentar de poesia são as pessoas que nunca passaram fome na vida. A escrita é natural para si mesmo, não para o outro. Mas há um intuito de se apropriar fisicamente do outro, de buscar

nas entranhas da pele, de também se tornar alimento. A poesia é suficientemente forte para não depender de nenhum histórico; ela deve aproveitar o instante que surge nas mentes, permanecer e ir-se.

O verso pisa, sim, teu coração, como se fosse o inverso de um ataque cardíaco, o simétrico bom do peso mau. Um verso forte não tem história, como os países. Não tem invasões, reis, assassinados, resistências, traições, e quatro adultérios de uma rainha da Idade Média. Um verso, hoje, não tem Idade Média dentro dele. Mesmo que seja um verso com dois mil anos, hoje, esse verso é absolutamente contemporâneo. Porque é verso (TAVARES, 2009, p. 16).

A todas essas questões elaboradas por ele, a essas perguntas reflexivas e persuasivas não se têm as respostas. Breton apenas repensa atitudes externas aos questionamentos realizados – o que podemos considerar como o seu modo de responder, mesmo que a partir de ações e comentários. Esse indivíduo que realiza a entrevista reveza entre a primeira pessoa (é a que mais aparece), e a terceira – para estabelecer comentários, que se desenrolam a partir das discussões.

À priori, sabe-se que todo e qualquer tipo de texto é produzido por algum indivíduo, um autor. Esse mesmo texto pode possuir internamente alguém que a conte, o narrador. Nas obras *de O bairro*, encontramos a amarração entre um “eu” narrador que também se destaca como um “eu” personagem.

O narrador, basicamente, é “o destinador do discurso explicitamente instalado no enunciado é actante da enunciação enunciada e pode estar em sincretismo com um dos actantes do enunciado. Na medida em que o narrador pode intervir a todo instante como tal na narrativa, todo o enredo é virtualmente feito em primeira pessoa” (FIORIN, 2002, p. 104). Não é possível, aliás, desligarmos o sujeito da linguagem.

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego [...] a subjetividade de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo, mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência (BENVENISTE, 1976, p. 286).

Barthes (2004), entretanto, afirma em seu texto que a linguística acaba com o autor, pois a enunciação se mostra vazia sem a necessidade de conter interlocutores. “Linguisticamente’, o autor nunca é nada mais para além daquele que escreve, ‘tal’ como eu não é senão aquele que diz eu” (p.60). Se pararmos para olhar a obra do autor português, encontraremos até mesmo, em suas perguntas, a forma de ser da personagem; o Senhor se comporta, em um todo da obra, de maneira despreocupada, sem relevar os critérios de um questionamento elaborado por ele mesmo. Esse sujeito que aparece dentro das indagações parte do pressuposto de que o entrevistado acompanharia as reflexões e as desenvolveria em seus comentários, no entanto, vemos o contrário.

E se isto existe – e acredito que sim, senhor Breton -, se isto existe é porque os versos, quando digeridos, se decompõem em fragmentos que esquecemos, mas também numa energia que nos torna bípedes mais lúcidos. Como se nossa cabeça estivesse mais perto de tocar o sol.

Será isso, senhor Breton?

O senhor Breton estava cansado. Era o momento de fazer um intervalo na entrevista. Parou a gravação, dirigiu-se à porta do apartamento e saiu. Precisava andar, precisava desacelerar (TAVARES, 2009, p. 28).

Nesse trecho, a resposta de Breton não surge explicitamente, mas quem responde é o próprio narrador. Observa-se o período “precisava andar, precisava desacelerar” destacado do parágrafo anterior; nele as atitudes do senhor contadas na narrativa são as respostas para o comentário na indagação dele mesmo. Nem sempre palavras, portanto, serão as réplicas, também movimentos podem nos dar orientações cabíveis a cada questão.

Em Foucault (1997), um autor é visto como uma “função-sujeito” capaz de possibilitar a ação de relacionar textos entre si, já que ele apresenta características de um modo de ser do discurso. Nele, se comporta uma diversidade de “eus” que se manifestam nos diversos planos presentes dentro de uma obra.

A função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus” em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (p. 56)

Em nosso entorno, muitos discursos que acontecem são ignorados por um autor, ou melhor, a noção de autoria não aparece para textos não literários. Para Foucault, ainda, “o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 2014, p. 26). Portanto, toda essa relação de conhecimento adquirido ao longo do tempo por Gonçalo M. Tavares é refletida na escrita da série. Os autores ‘historiografados’ – e arqueologizados, assim digamos – carregam em suas histórias esse olhar obtido por Tavares. Assim:

[...] seria absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa. Mas penso que – ao menos desde certa época – o indivíduo que se põe a escrever um texto no horizonte do qual paira uma obra possível retoma por sua conta função do autor (FOUCAULT, 2014, p. 27).

Vejamos, por exemplo, nesse nosso caso. André Breton, surrealista francês, é desenvolvido a partir da vivência na vanguarda de [também] sua autoria. No Manifesto Surrealista, Breton defende que os instintos humanos e o inconsciente sejam fontes criadoras na arte. É um:

[...] automatismo psíquico puro pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral (BRETON, 1924, p. 12).

No caso do poeta, era escrever espontaneamente, sem medição de pensamentos.

Contudo, para Barthes (2004), o surrealismo ajudou a retirar a imagem sagrada do autor:

[...] ao recomendar sem cessar a ilusão brusca dos sentidos esperados (era o famoso “safanão” surrealista), ao confiar à mão a preocupação de escrever tão depressa quanto possível o que a própria cabeça ignora (era a escrita automática), ao aceitar o princípio e a experiência de uma escrita a vários (p. 60).

No Bairro, Breton é esse posicionamento arriscado, bárbaro, do homem após a modernidade, mas que é capaz de estar seguro e no controle de si mesmo. Sua autorreflexão filosófica o segura para que nenhuma barbárie venha a acontecer.

Sloterdijk afirma que a modernidade estética é um procedimento de uso da violência, não contra pessoas ou coisas, mas sim contra circunstâncias culturais pouco claras. Diz ele que “*Dado que en esta guerra de mentalidades la normalidad se considera un crimen, el arte, como médio de lucha contra el crimen, puede apoyarse en órdenes de entrada en acción inusuales*” (SLOTERDIJK, 2009a, p. 130 apud STUDART, 2012, p. 218). Tanto que lembra a passagem do Segundo Manifesto Surrealista, de 1930, escrito por André Breton, quando este diz que a ação surrealista mais simples consiste em ir para rua com revólveres em punho e disparar às cegas na multidão tantas vezes quanto for possível. Breton é um dos senhores escolhidos por Gonçalo M. Tavares para morar no bairro o que tem a ver com um posicionamento do homem no mundo a partir daquilo que a arte é capaz de gerar como risco, logo como política, como não-familiar, como projeção futura e utópica. É uma pequena reação contemporânea para não correr o risco de se associar ao hábito da modernidade de converter tudo em regra, mesmo a imitação do ato bárbaro. (STUDART, 2012, p. 218)

Na obra de Gonçalo, Breton é, por conseguinte, retratado pelo narrador na forma espontânea de um cotidiano do poeta com recorrência aos pensamentos livres, em que a preocupação com a formalidade de uma entrevista, por exemplo, ou com a espera de respostas prontas e certeiras aconteçam, de fato. Como o entrevistador é ele mesmo, as reflexões são ainda mais intensas, como se realmente houvesse um pensamento livre sendo entoado. Como é possível perceber na “7ª pergunta”.

CONTINUEMOS, SENHOR BRETON – já que teve a ocasião de vislumbrar, mesmo que só à distância, a casa do senhor Walser -, continuemos nos cuidados e nas reparações do assoalho. Minha questão está relacionada com o fato de as tábuas, no geral, se soltarem e desgastarem com muita frequência. E o chão do mundo não é outra coisa senão isto: um chão que pode se soltar. [...] Mas voltemos à questão, senhor Breton – deixe-se de rodeios, por favor! –, diga-me, por favor: atendendo a certos nomes, não se pensa de imediato em certos acontecimentos? [...]

O senhor Breton fez um intervalo. Apenas para fumar um cigarro. (TAVARES, 2009, p. 39)

Essa ideia pode ser complementada pelo que diz Benjamin (1994), no que se refere às relações que desenvolvem um narrador na história contada. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (p. 201). Logo, tudo aquilo que se faz com meio relacional pode servir de base para a criação da história.

O narrador, nesse pensamento, tem a permissão de dar conselhos, já que pode recorrer ao acervo de toda uma vida. “Uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer” (BENJAMIN, 1994, p. 221). Uma contribuição do leitor é provocada em seu discurso, o qual, na entrevista, toma um rumo contributivo na compreensão do todo.

O leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito. (BARTHES, 2004, p. 64)

Assim, na narrativa de Tavares (2009) o discurso do narrador é posicionado muito mais próximo de uma maneira indireta livre, em que, mesmo quando se encontra na terceira pessoa, aparece com pensamentos aleatórios durante a construção. “O que há de tão útil no estilo indireto livre é que uma palavra como ‘idiota’ de certa forma pertence ao autor e ao personagem; não sabemos muito bem quem ‘possui’ a palavra” (WOOD, 2012, p. 23). A partir desse discurso é que é possível enxergar uma linguagem pelo olhar da personagem ou do autor, depende do nível de limitação e o pacto exercido com o leitor. Wood ainda estabelece o termo “ironia do autor” quando essas vozes entre os dois parecem sumir, “quando a voz do personagem parece se amotinar e se apoderar de toda a narração” (WOOD, 2012, p. 31). E quando se fundem, chama-o de “plenitude do tédio”, que é “a linguagem corrompida que existe na realidade, que todos nós conhecemos até demais e da qual queremos desesperadamente fugir” (ibidem, p. 40). É o que se constata neste excerto:

Não se alude aqui a comprimentos assinaláveis com fita métrica, é claro. Um verso tem vida: portanto, altura por fora; e tem ainda mais vida: portanto, altura, por dentro. E se um organismo tem dois mundos, aquele que não se vê é sempre o mais importante, pelo menos este é um pressentimento que eu tenho, senhor Breton. Identifica-se com ele? (O senhor Breton mexe-se na cadeira. Parece incomodado com a questão.) (TAVARES, 2009, p. 49)

Nas relações entre os sujeitos da história, pode-se ter uma certeza de que quem apresenta a história não é o mesmo que a conta. A realidade provida do autor influencia

na construção do texto, mas não o domina a ponto de se tornarem os mesmos sujeitos. As relações de poder entre o autor e o narrador [perpassadas na narrativa/poética] refletem, pois, em um narratário, que é aquele que preencherá as lacunas exigidas no texto.

Para ter uma ideia vaga do autor, é preciso fazer uma pesquisa, juntar documentos, ler prefácios; para saber tudo sobre o narrador, basta ler seu texto. O narrador, portanto, é sempre uma criação do autor e pode, conseqüentemente, distinguir-se dele pelo sexo, pelos gostos, pelos valores ou pela natureza (JOUVE, 2002, p. 360).

Por sua criação, o narrador faz com que as ideias lhe aproximem do autor. Contudo, no caso de *O senhor Breton e a entrevista*, toda essa “brincadeira” entre o autor, o narrador e a personagem ergue uma relação importante com o leitor.

2 | A LEITURA, O LEITOR E OS ENSAIOS DE DISSENSÕES

“Como atividade comandada pelo texto, a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor. Esta influência recíproca é descrita como interação” (ISER, 1979, p. 83). E assim vamos lidar com o sentido da leitura na obra de Tavares. Isso, porque as relações entre eles se fazem importante para a compreensão de toda obra. Lembramos aqui que o texto é composto por uma entrevista realizada em frente a um espelho consigo mesmo.

Na sequência, Iser (1979) apresenta na teoria da interação de Edward Jones e Harold Gerard em *Foundations of social psychology* quatro processos de interação: a pseudocontingência, a contingência assimétrica, a contingência reativa e a contingência recíproca, que é a qual consideramos ser a mais viável dentro da obra de Tavares, já que ela se refere a uma determinada fluência no diálogo entre a obra e o leitor, no qual o mutualismo é dominante. Observa-se a “2ª pergunta”, em que Breton realiza ponderações que não são respondidas por ele, ao final, a partir da questão: “O que fará mais falta aos dias do animal humano: a fórmula $E=mc^2$ ou os versos de Rilke?” (TAVARES, 2009, p. 14). Muitas dessas ideias em discussão na narrativa são absorvidas pelo narrador para que, com isso, o leitor consiga refletir sobre o assunto. As ponderações sobre a física e a poesia tornam-se ideias para serem alocadas pelo leitor e possivelmente serem esclarecidas na leitura individual de cada um. A “resposta(-ação)” das perguntas é um indício para que isso aconteça: “O senhor Breton olhou para o espelho. Parou o gravador. [...] Ligou o gravador. Passou para a pergunta seguinte. Começou a falar” (ibidem, p. 17).

Já nesse mérito, o conceito de leitor modelo complementa essas ideias, já que ele se define como praticamente um “leitor ideal” para a obra, aquele que possui “um conjunto de condições de sucesso” contratadas a partir do texto, que esteja de acordo com a vontade e o esperado pelo autor, buscando as determinadas respostas solicitadas na leitura (JOUVE, 2002). Breton faz reflexões, dessa maneira, que são ignoradas por ele

mesmo nas respostas, e que na participação do leitor vemos a possibilidade de respostas. Seria, portanto, um leitor modelo que no contexto psicológico da obra não lhe é imposto nada. “Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação [apenas na narrativa]” (BENJAMIN, 1994, p. 203). No entanto, a noção de subjetividade, se vê nas relações diáticas entre o texto e o leitor, visto que quando falamos da oralidade há mutuamente um diálogo entre os falantes. “O leitor nunca retirará do texto a certeza explícita de que a sua compreensão é a justa”. (ISER, 1979, p. 87). Pelo contrário, o que vai estar presente são alguns pontos de indeterminação, que dá a possibilidade de o leitor se propagar e intervir dentro do texto. Isso não quer dizer, segundo Iser (1979), que o leitor tem liberdade para imaginar e criar o que quer, mas alguns encaminhamentos já serão propostos, para que os vazios sejam corretamente preenchidos.

A persuasão repassada vem da intenção ilocutória, termo que Jouve (2002) define como “a vontade de agir sobre o destinatário, de modificar seu comportamento” (p.21). Segundo ele, a intenção está presente em toda narrativa e é um modo de levar o leitor a se perguntar sobre o seu jeito de estabelecer sentido. Para Yunes (2005), “a questão da leitura na contemporaneidade se coloca na confluência das interpretações, na urgência de transformar meros receptores em leitores” (p.102).

Tudo isso nos traz influentes para a leitura, que provocam as interpretações. A forma de ler, por exemplo, também pode modificar as ideias durante o processo. O leitor modelo, além disso, carrega uma bagagem de leitura que servirá de influente para o leitor. Isso,

porque não se vai sozinho ao encontro, não se vai nu, mas com toda a carga de memória que se tem, e das próprias experiências. Evidentemente é um encontro que vai produzir mais do que ao longo dos milênios tentou-se preservar: o uso ‘certo’ dessa informação” (ibidem, p. 100).

Para Jouve (2002), cada leitor traz consigo a sua própria experiência de leitura, cultura e valores, que vai influenciar na leitura, no entanto, não vai modificar e sim complementar. Logo, uma leitura não pode ser exclusiva com elementos paratextuais ou dados, históricos, mapas, que auxiliam na leitura e não a modifica. Lembremos, aqui, das discussões anteriores sobre a contribuição dos meios relacionais para a obra, ou seja, de que forma o Surrealismo, por exemplo, influencia na obra de Tavares para o entendimento da obra em um todo.

Sabendo da vida histórico-artística de Breton, muitas coisas na narrativa são melhor compreendidas. De alguma forma, esse contexto caminha o leitor aos passos do indivíduo na narrativa. “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia” (BENJAMIN, 1994, p. 213). É uma relação dialética¹, de fato,

1. Penso o termo “dialética”, nos termos blanchotianos, pelo viés da acepção básica etimológica de *dialektikós*, ou seja, do grego, relativa à discussão, diálogo entre dois polos. Relação dialética, nesse sentido de uso, pois não há como pressuposto hegeliano a concepção de “tese, antítese e síntese”, e sim no mero sentido de “diálogo”. No caso de Gonçalo Tavares, há uma relação de diálogo fundamental estabelecida também pela dissonância entre a memória do leitor (me-

para auxílio de compreensão. Nas dez perguntas da obra, o entrevistado não capta (não porque não sabe, mas por não ter a intenção primária disso) as informações esperadas pelo entrevistador, sendo assim, ele não as responde, e espera-se que esse leitor que caminha de mãos dadas com o narrador, reflita e possivelmente apresente essas respostas.

Por outro lado, por paradoxal que possa parecer, compreendemos no narrador uma relação com o fim da autoria, o acabamento da relação autor/leitor, pois o que acontece é que “a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa” (BARTHES, 2004, p. 58). E assim acreditamos que o ato da escrita permanece interminável ou, ao menos em Tavares, desponta a relação com o interminável, logo este leitor está, de algum modo, “por vir”. O domínio sob a obra pode ser intervisto, negando e intrometendo pensamentos, vê-se uma necessidade de recorrer ao tempo, muitas vezes percebendo o passado e destinando-o ao futuro. Mas, “não avançamos na linguagem como num caminho. Na linguagem começa-se sempre; repete-se o início como se a cada momento nos amputassem as pernas” (TAVARES, 2005, p. 182). É bem importante salientar que mesmo que uma obra seja construída pelo autor, no viés do interminável, perceber-se-á que ligações – em muitas, externas – haverá junto a outras.

Do tempo ativo, do instante, ele conserva o gume cortante, a rapidez violenta. Assim é que se conserva no interior da obra, contém-se onde já não possui apoio. Mas a obra também conserva, por causa disso, um conteúdo, não é toda ela interior a si mesma (BLANCHOT, 2011, p. 19).

O ato da escrita e o trabalho de retomada em relação ao trabalho de escrita cotidiana, fazem com que nos mantenhamos no interminável. Para Butor:

[...] a obra inacabada é para nós a necessidade de uma invenção, e vemos bem a seu propósito que o crítico mais exato, mais respeitoso, é aquele cuja invenção consegue prolongar a do autor, a fazer com que esta entre a tal ponto nele mesmo que ele saberá fazer de sua imaginação uma parte da sua própria” (BUTOR, 1974, p. 199).

O fato de que, muitas vezes, no desenvolvimento dela, o indivíduo se coloque na solidão possibilita a (re)criação, joga no (re)conhecimento daquilo que já aconteceu e lança para as perspectivas do (re)começo. Aquilo que aparece como novo conquista o efetivo de não ser mais o atual e sim de um retorno.

3 | UM BREVE FIM

A partir dessas discussões, considera-se que todo um processo de leitura deve ser respeitado acerca do texto e suas relações com o leitor. O contato entre autor e obra também deve ser pensado de acordo com o que é proposto pelos envolvidos da dialética. A narrativa, sendo assim, constrói-se pelas afinidades que ela desenvolve no decorrer; a mória universal) e a memória do eu-lírico (memória deformada), afinal Gonçalo trabalha com um leitor que é imaginativo, que acata essa dialética, que dialoga com sua imaginação (a do autor). O leitor, em Gonçalo, sempre está “em debate”.

entrevista de Breton joga com a forma de escrita peculiar de Tavares. Não é por menos, já que o autor foi agraciado por José Saramago e a cada dia conquista um novo espaço de trabalho. Na ficção, não se tem as respostas, ainda. Mas é uma opção do autor em querer aproximar o leitor da obra, de brincar com a tríade leitor, autor e narrador.

Diante da instável entrevista de/com Breton, percebemos que a narrativa deve se reproduzir por esse “jogo”. André Breton é um autor surrealista, vanguarda essa que visa não trabalhar os pensamentos, mas fazer com que eles se reproduzam espontaneamente. Sendo assim, o leitor tem a possibilidade de interação com a obra, respondendo às questões que são argumentadas pelo entrevistador. A narrativa parte, dessa maneira, da ideia subjetiva, e conserva-se no desenvolvimento da obra.

É importante destacar, por fim, a contribuição que o narrador efetua na ficção – e em tantas outras. A partir da absorção da narrativa, ele é capaz de prender a atenção desse leitor e fazer com que a obra seja compreensiva, permitindo que diversos meios influenciem e ajudem para que o enredo seja compreendido. A narração, no geral, “em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito. (BENJAMIN, 1994, p. 220). Assim, enquanto uma informação por si só deve ser objetivamente explicada, a narrativa permite que outros meios se apoderem da história e auxiliem nos devaneios.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional/USP, 1976.

BLANCHOT, M. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BRETON, A. **Manifesto surrealista**. 1924. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/breton.htm>. Acesso em: 17/10/2020.

BUTOR, M. Crítica e Invenção. In: BUTOR, M. **Repertório**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974, p. 191-203.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2. ed., 2002.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24ª ed. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. **O que é um autor?** 3ª ed. Lisboa: Veja/Passagens, 1997.

ISER, W. A Interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert (Org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUVE, V. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

STUDART, J. V. **A literatura de Gonçalo M. Tavares**: investigação arqueológica e um dançarino sutil nas esferas O bairro e O reino. 2012. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

TAVARES, G. M. **O senhor Breton e a entrevista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

WOOD, J. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

YUNES, E. Elementos para uma história de interpretação. In.: **Pensar a leitura**: complexidade. YUNES, Eliana. (Org.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. São Paulo: Loyola, 2005 p.97-103.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambiente Virtual 224, 226, 227, 236

Aprendizagem 120, 157, 159, 169, 170, 171, 176, 177, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 198, 200, 209, 213, 214, 215, 223, 224, 225, 226, 227, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 251, 252, 256

Arte 23, 34, 41, 44, 46, 48, 55, 56, 61, 72, 73, 78, 81, 85, 88, 97, 98, 103, 104, 106, 109, 114, 118, 133, 137, 145, 153, 156, 157, 160, 161, 203, 213, 216, 217, 218, 221

Artes 22, 37, 43, 73, 98, 144, 149, 154, 155, 156, 160, 161, 164, 213, 216, 217, 218, 221, 257

C

Carta 63, 66, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 94, 95, 135, 136

Cordel 73, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166

E

Educação 4, 11, 12, 16, 19, 20, 27, 63, 96, 154, 156, 157, 158, 162, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 179, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 207, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 256, 257, 258

Ensino de Língua 71, 174, 177, 238, 256, 258

F

Feminino 1, 2, 5, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 35, 36, 39, 44, 47, 51, 99, 101, 228

H

Haicai 135, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Histórias 13, 14, 15, 16, 23, 35, 43, 55, 63, 74, 76, 148, 157, 159, 165, 175, 176, 177, 195, 225, 229

L

Leitor 2, 3, 4, 5, 6, 7, 13, 15, 28, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 70, 89, 110, 112, 117, 118, 120, 121, 129, 130, 131, 136, 142, 144, 148, 150, 152, 154, 156, 159, 165, 170, 172, 173, 176, 228

Leitura 3, 14, 22, 52, 53, 58, 59, 60, 62, 67, 69, 72, 109, 110, 115, 118, 120, 124, 127, 138, 144, 150, 151, 152, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 205, 207, 230, 232, 237, 258

Letras 1, 11, 12, 15, 24, 38, 39, 51, 63, 70, 71, 87, 95, 96, 97, 100, 108, 126, 133, 139, 153,

160, 161, 165, 169, 175, 178, 200, 224, 226, 228, 237, 243, 248, 257, 258

Linguística 54, 61, 71, 127, 136, 139, 158, 159, 169, 172, 173, 176, 178, 179, 200, 254, 256, 258

Literatura 51, 62, 63, 72, 86, 87, 88, 91, 95, 96, 107, 108, 153, 154, 155, 156, 161, 165, 166, 174, 176, 178, 204, 258

Literatura Digital 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177

M

Mitologia 36, 43, 44, 50, 51, 73, 88

Modalidade Híbrida 238, 241, 242, 246, 255, 256

Mulher 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 49, 50, 66, 76, 77, 78, 100, 101, 102, 103, 160, 166

N

Narrativa 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 79, 82, 87, 121, 144, 154, 155, 160, 161, 163, 165, 232, 245

O

Opressão 10, 11, 25, 27, 31, 35, 99

P

Patriarcado 33, 34

Poesia 43, 51, 52, 53, 54, 58, 87, 88, 94, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 137, 138, 139, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 160, 162, 163, 166, 232

Práticas Interdisciplinares 213

R

Representação 1, 2, 7, 10, 17, 18, 21, 24, 64, 65, 75, 78, 82, 101, 143, 144, 161, 163, 164, 173

S

Saúde 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 237, 249

Sujeitos 55, 57, 58, 98, 114, 146, 158, 174, 183, 184, 185, 186, 225, 235

T

Teatro 38, 44, 45, 49, 50, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 81, 83, 126, 130, 201, 202, 203, 204, 209, 211

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora
Ano 2021